

## A Bíblia na Crítica Literária Recente

*Antonio Carlos de Melo Magalhães\**

Arquivo recebido em  
2 de outubro de 2012  
e aprovado em  
25 de novembro de 2012

V. 2 - N. 4 - 2012

### Resumo

A apresentação analisará as principais tendências da crítica literária recente sobre a Bíblia, partindo das escolas que priorizam a leitura do texto bíblico sem levar em

\* I Doutor em Teologia pela Universität Hamburg (1991), revalidado no Brasil como doutor em Ciências da Religião. Foi docente da Universidade de Hamburgo, na Faculdade de Teologia e no Departamento de Estudos Brasileiros, de 1991 a 1994. Em seguida foi professor titular da Universidade Metodista de São Paulo, na Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, sendo seu diretor até dezembro de 2007, e na Faculdade de Teologia. Professor Permanente do Mestrado e Doutorado em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, sendo seu atual Coordenador Adjunto, e no Departamento de Filosofia e Ciências Sociais.. Docente Colaborador do Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Estadual do Pará. Principais trabalhos publicados: Deus no Espelho das Palavras. Teologia e Literatura em Diálogo. 2a. ed. São Paulo: Paulinas, 2009 (Prêmio Jabuti 2001, categoria religião); PAULA, B. (Org.) ; FERREIRA, R. M. (Org.) . Teologia e Literatura. São Bernardo do Campo: Metodista, 1997; A religião na obra de Thomas Mann. Sociopoética (Online), v. 8, p. 85-92, 2011; Partilhas do Saber. Diálogos entre filosofia e literatura. Páginas de Filosofia, v. 1, p. 47-59, 2009; Invenções Religiosas no Cotidiano e Teologia Narrativa. Estudos Teológicos, São Leopoldo, v. 2, n.45, p. 90-116, 2005; Religião e Interpretação Literária: Perspectivas de diálogo das Ciências da Religião com a Literatura. Religião e Cultura, São Paulo, v. III, n.6, p. 11-27, 2004; Crer é narrar. A contribuição da Teologia Narrativa para a hermenêutica teológica. Via Teológica, Curitiba, v. II, n.4, p. 25-43, 2001; Cri, por isto falei. Pressupostos e chances da Teologia Narrativa. Epistêmê (Feira de Santana), Feira de Santana, v. 2, n.2, p. 9-21, 2000; Experiências e interpretações do sagrado na interface entre história da religião e literatura. In: Arnaldo Érico Huff Júnior e Elisa Rodrigues. (Org.). Experiências e interpretações do sagrado. Interfaces entre saberes acadêmicos e religiosos. São Paulo: Paulinas, 2012, v. 9, p. 87-97; FERRAZ, S. . O sagrado na poesia e na religião. In: Salma Ferraz. (Org.). Pólen do Divino. Textos de Teologia e Literatura. Blumenau: Edifurb/FAPESC, 2011; A Bíblia como obra literária: hermenêutica literária dos textos bíblicos em diálogo. In: SILVA, Eli Brandão; FERRAZ, Salma; CONCEIÇÃO, Douglas R.; MAGALHÃES, Antonio C. M.. (Org.). Deuses em Poéticas: Estudos de Literatura e Teologia. Belém: EDUEPA, 2008, p. 11-24; Narrativa Religiosa e reescrita literária: um diálogo das ciências da religião com a literatura. In: José Roberto Marin. (Org.). Religiões, Religiosidades e Diferenças Culturais. Campo Grande: UCDB, 2005, p. 169-180.

consideração o aspecto religioso como elemento constituinte da narrativa bíblica, concluindo com uma reflexão sobre a Bíblia como literatura a partir de suas formas teológicas.

**Palavras-chave:** Crítica Literária, Literatura Bíblica, Teologia Narrativa, Bíblia como Literatura.

## Abstract

This paper will analyse the main trends in recent literary criticism on the Bible, from schools that emphasize reading of the biblical text without regard to the religious aspect as a constituent element of the biblical narrative, concluding with a reflection on the Bible as literature from its theological forms.

**Keywords:** Literary Criticism, Biblical Literature, Narrative Theology, Bible as Literature.

## Introdução

**A**o falarmos da Bíblia e literatura, da Bíblia como literatura ou da Bíblia na história da literatura e da crítica literária encontramos no mundo da linguagem. Seja pelos signos e metáforas, seja pelos aspectos léxico-semânticos não temos como evitar ou contornar a questão da linguagem, sendo decisiva a forma como lidamos com o mundo da linguagem para a nossa leitura do texto bíblico e da literatura.

Talvez ainda orientados pelos conflitos hermenêuticos sobre o tema e na obrigação de tomarmos posição ideológica, doutrinária, política ou institucional nos sentimos no dever de irmos ao texto literário com questões que não faríamos à Bíblia e, por outro lado, de irmos à Bíblia com procedimentos diferentes dos que tomamos ao ler a literatura. Neste caso, ficamos em nossas trincheiras demarcadas e não arriscamos interpretações que respeitem o mundo da linguagem com seus muitos signos, metáforas, aspectos léxico-semânticos, estruturas narrativas, tramas, etc.

Nesta tensão existencial ou diretriz ideológica a nossa própria linguagem revela muito de nossa forma de lidar com o texto. Verbos e ex-

pressões como reaproximar, reconciliar, reunir, ultrapassar fronteiras, superar obstáculos indicam a dificuldade com que lidamos com o diálogo e com as interações, intertextualidades e interdiscursividades possíveis quando falamos de Bíblia e Literatura. Talvez essa dificuldade ainda evidencie que somos vítimas e patrocinadores de uma intriga, de um litígio construído nos muros dos departamentos, das crenças guetadas, mas que também evidencie que o texto seria o palco de nossas querelas teóricas e ideológicas, quando, na verdade, o texto bíblico pode ser um antecedente-mais, um excedente que está além de qualquer crítica literária ou teologia que ainda se paute por buscas hegemônicas. O que seria este excedente no texto bíblico? Seria o incômodo que a Bíblia representa aos teólogos e aos críticos da literatura. Aos primeiros por conta da impossibilidade da Bíblia se prestar a um uso infundável de teologia sistemática que tudo harmoniza e conceitua. Sim, a Bíblia só fragilmente serve a estes usos sistemáticos, justamente por conta da força, intensidade e possibilidade de suas narrativas. Por outro lado, a Bíblia tampouco se presta a uma crítica literária que se mostre incompetente para lidar com a religião.

A literatura é um excedente e não pode ser exaurida. Este é um bom princípio básico na crítica literária. A Bíblia é um caso *sui generis* neste âmbito de excedentes, justamente por exigir dos teóricos o percurso pautado pela capacidade de viver simultaneamente o literário e o religioso. O problema é que temos uma exigência nem sempre atendida, redundando em oposições estranhas à própria Bíblia. Por um lado, os teólogos querem explorar conteúdos. Do outro, os críticos literários não se preocupam com os temas e conteúdos e muito rapidamente encapsulam o texto em formas e estruturas narrativas, reprimindo os temas que não seriam importantes para o debate teórico, com destaque para o tema da religião, ainda ausente em muitas críticas literárias.

Aos teólogos a pergunta: em que, de que forma a Bíblia como literatura pode alterar a teologia que está consolidada, ou a Bíblia como

literatura é uma ilustração a mais no arcabouço sistemático da teologia?

Aos críticos a pergunta: de que forma a religião presente na narrativa bíblica pode alterar aspectos da teoria e da crítica literária?

## **Bíblia**

Para o meu âmbito de interesse e de investigação, a Bíblia é um livro, é literatura, não literatura religiosa em primeiro lugar, mas literatura, tão somente texto literário, constituída de literariedade, de liberdade de imaginação, de fantasia, de narratividade com tramas, personagens, biografias inebriantes e viciantes. Com esta premissa, me pergunto sobre como se constitui essa literatura, essa textualidade literária? Então aí, vejo o sagrado, o religioso, como constitutivo, assim como constitutiva é a forma, a literariedade. Conteúdo e forma se entrelaçam não havendo espaço para autonomismo estético – lembremo-nos que a arte pela arte também é uma decisão política – que teima em focar na forma e esquecer conteúdos, nem para autonomismo teológico, como forma de salvaguardar o que seria o verdadeiro, o intocável, o sagrado do texto. Sem barricadas dos teólogos, sem a obsessão pela forma dos críticos e dos estetas, é assim que me aproximo atualmente da Bíblia, como literatura escrita em dilemas e experiências religiosas, mantendo uma relação intrínseca e indivisível entre o literato e o religioso.

O destaque deste aspecto não se deve somente à forma como a Bíblia é lida por algumas teologias, como lugar de comprovação dos dogmas, como documento onde se verificam e constataam verdades nos diferentes âmbitos da vida; da moral à política, da organização social à organização eclesial, do papel da consciência às liberdades dos cristãos, das mortes que perdoam às ressurreições que libertam. Tudo se comprova na Bíblia, mas também o seu contrário, basta ver algumas das querelas entre as tradições religiosas. Mas, como alertara ao ouvinte/leitor no início do parágrafo, o destaque à Bíblia como literatura, não se deve somente ao que algumas teologias fizeram e fazem com a

Bíblia, mas também como, no âmbito da filosofia e da teoria da literatura, os estudos ainda se movem muito nos juízos de tutela e de discriminação, de obtusidade do pensamento. Um exemplo contundente disto é que os cursos de letras se permitem estudar os clássicos, alguns repletos de mitos, sem incluir a Bíblia, ainda que ela seja indiscutivelmente um dos textos mais importantes para a história da literatura ocidental. Colocar a Bíblia no âmbito dos estudos sobre literatura e religião é levar em conta esta história de usos e abusos, de ausências planejadas e de silêncios induzidos. Confesso, porém, minha predileção pela tradição teológica e pelos autores da literatura em torno da Bíblia, justamente porque colocou o texto sempre de novo em tela, em destaque, como *locus* privilegiado da hermenêutica, e sempre parto do princípio que literatura precisa ser lida, antes de tudo. Os textos precisam ser amados para serem melhor criticados e comentados. Sem amor aos textos a crítica se perde em questões secundárias, menores. Para a sobrevivência da própria literatura, temos que lê-la, e a Bíblia foi lida por teólogos e autores da literatura.

### **Crítica literária**

Interessa-me primeiramente aquela que lida com o texto bíblico, mas há também os desafios que advêm de conceitos como dialogismo, polifonia e carnavalização em Bakhtin; aliás, tão mal interpretados porque restritos à plenipotência das vozes, mas sem a profundidade dada por Bakhtin na questão do imiscível, das consciências que interagem e se mesclam, aspecto de importância vital para a leitura de textos bíblicos. Na tarefa que aqui me proponho, autores como Auerbach, Alter, Schmidt, Frye, Bloom, Miles, Borges, Paz e Haroldo de Campos são mais interlocutores que outros nomes igualmente importantes como Bakhtin, Génette e Maingueneau. Mas tampouco me interessaria defender esta ou aquela escola da crítica literária como paradigma de leitura da Bíblia como literatura. Não há esta servidão, e tal procedimento significaria uma negação de um desdobramento natural da tese defendida no início

da minha conferência, a da Bíblia como literatura: justamente por ser literatura, a Bíblia é um mais, é um excedente que ultrapassa qualquer fronteira imposta por qualquer escola teológica ou literária. No dia em que as escolas teológicas ou literárias considerarem sua leitura como suficiente para abarcar e exaurir as possibilidades de interpretação do texto, então ou morrerá o texto literário ou sucumbirá a crítica; que seja esta a sofrer de seu veneno hermenêutico.

### **Algumas características da Bíblia como literatura**

De forma bastante resumida, destaco algumas características da Bíblia como literatura. Em primeiro lugar é importante identificar a relação entre narrativa literária e modos teológicos, quer dizer, o literário da Bíblia não pode ser compreendido em profundidade sem que se leve em consideração que a narrativa é constituída por concepções religiosas e teológicas. Este é um dos aspectos mais importantes nas teses de Alter, que destaca o caráter inovador que existiu na Bíblia hebraica no desenvolvimento de suas narrativas, dando destaque ao biográfico, ao histórico, à jornada de vida.

De fato, um dos objetivos fundamentais das inovações técnicas promovidas pelos antigos escritores hebreus consistiu em promover certa indeterminação de sentido, especialmente quanto às causas da ação, às qualidades morais e à psicologia dos personagens [...] Possivelmente pela primeira vez na narrativa literária, o significado foi concebido como um processo que exige revisão contínua. (ALTER: 2007, 27)

Vejam bem algumas implicações do pensamento de Alter: a) há uma crise da significação; b) um enfrentamento de significados; c) uma busca intensa por significar de forma autêntica. A indeterminação de sentido não é algo marginal, não é uma “cosmética”, é um dado elucidativo da Bíblia como literatura. O religioso aqui não é a determinação, mas se alia à indeterminação, ao processo, ao significar enquanto ação permanente na jornada de vida dos personagens.

Numa série de diálogos com Fernando Sorrentino, transformados em livro, Jorge Luís Borges chegou a declarar a importância ainda não devidamente reconhecida do elemento sagrado na seleção de textos literários. "A ideia singularíssima de dar um caráter sagrado aos melhores livros de uma literatura não tem sido – acredito – estudada com toda a atenção que merece. Não sei de nenhum povo que tenha feito o mesmo. O resultado é uma das obras mais ricas que os homens possuem." (SORRENTINO: 2009, p. 29). É justamente esse caráter sagrado, que foi nomeado por Borges como ideia singularíssima, que é parte constitutiva do que é o literário da Bíblia. A Bíblia é literatura não porque tenha algo de literário que estivesse escondido em meio ao religioso. Neste caso, a religião seria, na visão equivocada de alguns intérpretes, um obstáculo para a compreensão dos aspectos literários da Bíblia. O pensamento de Borges aponta para outra possibilidade de compreensão da Bíblia como literatura: o caráter sagrado não é um acidente, uma casualidade, mas a constituição do que viria a ser uma das tradições literárias mais importantes da história do ocidente. Por outro lado, este sagrado não pode ser confundido simplesmente com o dogmático, com o conceito.

Neste caso, é mais importante o campo de relações entre religião/teologia e literatura que a visão de causa e efeito, segundo a qual ou a genialidade estética criaria a religião ou a religião, quase que por acaso, criaria a literatura. Não é possível nem desejável estabelecer uma diferença abissal entre o que é teológico e o que é literário na Bíblia, pois os âmbitos se confundem, interagem de forma densa e complexa.

Em segundo lugar, é importante considerar o texto dentro de uma complexa totalidade artística permeada de sutilezas e economia de detalhes. Os textos bíblicos são sucintos, quando comparados a outros considerados fundamentos da literatura ocidental, como é o caso dos textos de Homero. A riqueza da Bíblia como obra literária reside, portanto, mais na complexidade e intensidade de tramas e personagens que na narração prolixa e detalhista. Grandes estórias bíblicas como Esaú e Jacó, José e seus Irmãos, Caim e Abel, são narradas de forma curta, ao

mesmo tempo primam pela complexidade e intensidade. A divisão estabelecida por Frye, teórico literário, sobre os usos da linguagem, o uso poético, o uso alegórico e o descritivo, defende que na Bíblia temos um novo uso: o proclamativo, o que caracterizaria a intensidade das tramas e personagens, tendo como objetivo incluir o leitor nos temas, nas opções das personagens, em seus dilemas éticos. O texto seria, portanto, sucinto porque caracterizado por um grande apelo a que o leitor crie a sua própria história a partir da história contada.

Em terceiro lugar, ao contrário de alguns perfis de leitura teológica, quando se mostra retrospectiva e busca a reconstrução dos dados a partir de um sistema de ideias normativas, a linguagem bíblica é também literária no sentido de ser marcada pela tensão e oscilação de personagens, o que sugere que estas podem crescer, serem alteradas no decorrer das narrativas. Em vez da imutabilidade de um Deus, o que temos é um personagem constante, mas mutável. O Deus único, por exemplo, é de certa forma, a convergência de várias divindades, estas personagens ocultas muitas vezes na superfície dos textos, mas constitutivas das identidades do personagem Deus. Não há monotonia nos personagens bíblicos.

Em quarto lugar, na Bíblia hebraica temos uma progressão de dependência, interdependência e independência das personagens humanas em relação ao divino. É possível identificar estes conflitos entre personagens humanas e o Divino, em alguns casos até mesmo o desaparecimento de Deus para a emergência de personagens humanas.

## **A diversidade em Babel**

Babel é lugar de disseminação e variedade. A pluralidade está posta como destino dos homens e a língua é o principal sinal da polissemia que marcará a trajetória humana. A Babel de Borges, em seu conto La Biblioteca de Babel, é não somente o anúncio da polissemia por si, sem referências, mas a existência dos livros, do livro dos livros capaz de aglu-

tinhar, reunir e preservar a própria história humana que poderá desaparecer. Para Borges, a grande expressão da torre de babel é a biblioteca por guardar várias línguas, inúmeras interpretações das palavras, das tramas, das possibilidades de pensar e conceber a vida. Na Biblioteca reside o plural que contraria e critica as manifestações do totalitarismo e dos comandos rígidos. A metáfora em torno do espaço é contundente na abertura do texto de Borges:

El universo (que otros llaman la Biblioteca) se compone de un número indefinido, y tal vez infinito, de galerías hexagonales, con vastos pozos de ventilación en el medio, cercados por barandas bajísimas. Desde cualquier hexágono, se ven los pisos inferiores y superiores: interminablemente (BORGES: 2011, 761)

O uso do termo Babel no conto de Borges retoma a tensão do texto bíblico que vê na diversidade dos idiomas uma forma de gerar confusão, mas ao mesmo tempo reconhece que o ser humano só pode existir de forma plural, daí seu destino de ser potencialmente pertencente ao deus criador, mas dele se distanciar reiteradamente para que o projeto humano, com todas as suas imperfeições, possa ser realizado na história. Há algo entre confusão e organização, poder e desprendimento, atemporalidade e finitude, incerteza e infinito no texto de Borges, algo que é central também para a compreensão do texto bíblico. Se de um lado temos a biblioteca como algo que sempre nos lembra organização e catalogação, por outro temos a inegável certeza de que a organização e a catalogação são formas de se lidar com a diversidade de mundos que está criada em todos os livros e recriada pelos inúmeros leitores. A infinidade do espaço – metáfora que Borges usa – aponta para a necessidade de infinidade de leitores, garantindo assim a verdade da vida em profusão, algo que as bibliotecas guardam de forma aparentemente discreta, mas todas as vezes que um livro é aberto e lido detidamente um mundo novo e uma língua nova podem surgir, surpreender.

Há muito tempo se anuncia o fim do livro, o fim das bibliotecas, o

ocaso do texto bíblico, mas o que notamos é tanto o caráter sagrado quanto a importância dos livros se renovarem no cotidiano das pessoas e na vida de muitos leitores e leitoras. „Yo afirmo que la Biblioteca es interminable“ (BORGES: 2011, p. 762). Os livros não terminam porque a vida ainda não encontrou seu último suspiro, porque neles ainda encontramos nossos enigmas marcadamente registrados e também porque em muitos deles encontramos decifrações contundentes de nossos mistérios. As muitas línguas estão neles, indicando nossa impossibilidade de monologismos e rotinizações burocráticas. A vida pulsa nos livros. Podemos dizer que um dos segredos da Bíblia possuir o poder de ter sido e de continuar a ser literatura que atravessou os séculos, é que ela foi o registro de muitas tramas, narrativas e personagens que plasma-ram nossas culturas e nossa civilização. Além disso, retomando o pensamento de Borges, talvez o poder da Bíblia de continuar a nos seduzir em suas histórias resida exatamente no caráter sagrado que constituiu, manteve e assegurou a força de sua narrativa. Sua equivocidade se dá em tramas que se originam da relação entre o humano e o divino ou entre personagens humanos que se colocam sob um determinado plano divino, mas sua equivocidade não nos dispersa, antes nos instiga e nos seduz às novas narrativas e interpretações.

## Bibliografia

- ALTER, Robert. A arte da narrativa bíblica. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ASSMANN, Jan. Die Mosaische Unterscheidung. Oder der Preis des Monotheismus. München, 2003.
- AUERBACH, Erich. Mimesis. A representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BLOOM, Harold. O Livro de J. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- BLOOM, Harold. Jesus e Javé. Os nomes divinos. São Paulo: Objetiva, 2006.
- BORGES, Jorge Luis. Obras Completas IV. Buenos Aires: Emecé, 2010.
- BORGES, Jorge Luis. Obras Completas I. Buenos Aires: Sudamericana, 2011.

- FRYE, Northrop. Código dos Códigos. A Bíblia e a Literatura. São Paulo: Boitempo, 2004.
- GROSSMAN, David. Mel de Leão. O mito de Sansão. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- MAGALHÃES, Antonio. Deus no Espelho das Palavras. Teologia e Literatura em Diálogo. São Paulo: Paulinas, 2009.
- MILES, Jack. Deus. Uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SCHMIDT, Hans-Peter. Schicksal – Gott – Fiktion. Die Bibel als literarisches Meisterwerk. Paderborn: Schöningh, 2005.
- SORRENTINO, Fernando. Jorge Luis Borges: Sete conversas com Fernando Sorrentino. São Paulo: Azougue Editorial, 2009.